



RESENHA CRÍTICA

A Cruel Pedagogia do Vírus

A resenha destaca as principais contribuições da obra *A cruel pedagogia do vírus*, escrito por Boaventura de Souza Santos, no ano de 2020 que visa discutir as problemáticas sociais devido a pandemia do coronavírus. O livro apresenta importantes reflexões sobre possíveis aprendizagens com a pandemia do ponto de vista socioeconômico e cultural. O autor propõe alternativas que indicam a necessidade de mudança na forma de ser e conviver, bem como aspectos fundamentais quanto ao futuro.

A obra está organizada em cinco capítulos. No capítulo inicial *Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar*, busca estimular uma reflexão crítica sobre a pandemia; o autor pontua que desde 1980 o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Apoiado na visão do paradoxismo, estamos vivenciando um tipo de crise que não pode ser resolvida, ou seja, uma crise permanente que tem dificultado a explicação dos fatores que a provocam, cujo objetivo é validar a corrupção e impedir ações e estruturas que sustentam a sociedade.

Com isso a pandemia vem agravar uma situação de crise, invadindo de forma súbita ao ponto de ameaçar a vida e a saúde das pessoas; ao ponto do sistema político tomar decisões que voltarão para a população de forma violenta e severa.

O autor destaca duas perspectivas ao discutir a fragilidade do humano, por um lado, a rigidez das soluções sociais cria um estranho sentimento de segurança, de se distanciar e isolar-se, de outro lado à insegurança que pode ser minimizada, por meio de recursos de classes com condições sociais mais elevadas.

É feita uma reflexão sobre as consequências positivas da pandemia num país democrático, e sobre a eficácia de ações rigorosas num país como a China, que deu certo. A pergunta é: seria possível ter a mesma eficácia num país democrático?

A reflexão é que em países democráticos a letalidade da pandemia tende a ser menor devido a livre circulação de informação, em contrapartida, a democracia está cada vez mais vulnerável as *fake news*; com isso é necessário basear-se em soluções que posicione a participação democrática nas comunidades e na educação orientada para solidariedade e cooperação.

A partir das críticas da cultura chinesa dos estranhos hábitos alimentares, iniciou uma guerra de que é feita a paz. A alegação que a origem do mal veio da China, iniciou uma retaliação mundial ao ponto de desconfiar das propostas na tecnologia do futuro.

Apesar da Organização Mundial de Saúde declarar que a origem do vírus ainda não está determinada, os EUA insistem em divulgar que o vírus veio da China.

Entendemos que essa guerra não diz respeito apenas ao coronavírus, é também uma guerra comercial, no qual os EUA buscam neutralizar a liderança da China nas produções tecnológicas.

Segundo o autor, há uma comoção mundial com a pandemia, por exemplo, milhares de refugiados e imigrantes detidos nos campos na Grécia estão vulneráveis ao vírus, bem como nos internatos, famílias numerosas morando em espaços pequenos, sem os recursos necessários de higiene e distanciamento, e isso acontece também na Europa e nos EUA. Essa vulnerabilidade pode se multiplicar e alcançar outras regiões do mundo e talvez pelo de nós.

O capítulo dois *A trágica transparência do vírus*, trata do modo de interpretar a pandemia, destacando as ideias do coronavírus e a ausência de transparência nos debates culturais, políticos e ideológicos do nosso tempo, vivida pela grande maioria da população, os cidadãos



comuns. A política não tem cumprido com o seu papel na mediação das necessidades e aspirações dos cidadãos.

O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causadoras por inimigos invisíveis que têm causado grandes prejuízos sociais. Para o autor, o inimigo invisível é representado metaforicamente por três seres: os deuses (crenças religiosas); o vírus; e o mercado – seres imprevisíveis que fragilizam o ser humano.

Se todos estes seres, o deus, o vírus e os mercados continuarem ativos, a vida humana será em breve uma espécie em extinção.

Para justificar o seu pensamento, o autor faz uma comparação entre os seres invisíveis e todo-poderosos com os três unicórnios escrito por Leonardo da Vinci. Desde o século XVII, os três unicórnios são o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. São os modos de dominação principais na vida dos humanos e das sociedades, que de forma invisível e contraditória, o capitalismo afirma que todos os seres humanos são iguais, já o colonialismo e o patriarcado afirmam que a igualdade entre os inferiores não pode combinar com a igualdade entre os superiores devido às diferenças naturais.

O capítulo três *A sul da quarentena*, analisa a vulnerabilidade de grupos sociais que padecem de alguma forma na quarentena e isso vai se agravando. O autor discute que a quarentena será particularmente difícil para as mulheres, pois elas cuidam, protegem, são profissionais, trabalham em casa e em alguns casos passam pelos perigos da violência doméstica.

Outro grupo mencionado são os trabalhadores autônomos, o setor mais afetado pela quarentena. Para esse grupo a indicação para trabalhar em é impossível, pois surge um conflito diário entre alimentar a família e proteger suas vidas.

Os trabalhadores da rua, os vendedores ambulantes são um grupo específico de trabalhadores precários, que dependem de gente para comprar. Com a quarentena, dificilmente terão recursos para sustentar a família. Em outro contexto, trabalhadores que fazem entregas ao domicílio, não tem deixado de ganhar o seu salário, em contrapartida, o risco aumenta.

A população de rua, os moradores nas periferias pobres das cidades, os internatos em campos para refugiados e imigrantes, são grupos bastante vulneráveis e que enfrentam o perigo de propagação do vírus por falta de estrutura e condições básicas de higiene e distanciamento.

Os deficientes e os idosos estão inseridos em uma sociedade que discrimina e não reconhece suas necessidades. A lista dos grupos vulneráveis não se esgota aqui, mas com base no exposto o autor conclui este capítulo argumentando que a quarentena reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento.

No capítulo quatro *A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições*, o autor descreve seis lições, trazendo reflexões sobre o cenário da pandemia e o quanto é possível aprender com essa situação. Na lição um, o autor traz a reflexão do grande número de pessoas que morreram com a pandemia do coronavírus, e que dificilmente os poderes políticos vão se empenhar para tomar medidas necessárias de forma que resolva as acuas e consequências desta crise. Na lição dois, o autor retoma a vulnerabilidade de muitos grupos que não tem os recursos necessários para prevenção e distanciamento. Na lição três, o autor destaca que o capitalismo vigente nos últimos anos não priorizou a saúde, a educação, a segurança, privatizando os serviços públicos, o que torna o Estado incapaz de exercer seu poder em todos os setores. Na lição quatro, o autor afirma que a extrema direita e a direita hiper-



neoliberal ficam desacreditadas ao defender que parcelas improdutivas da população poderiam morrer, e por não dar crédito à ciência quanto aos efeitos reais da pandemia. Na lição cinco, o autor reitera que o colonialismo e o patriarcado são reforçados nos momentos de crise, no que diz respeito aos corpos mais vulneráveis expostos a propagação do vírus e outros que são mais valorizados por serem úteis a economia. Na lição seis, o autor relata sobre a necessidade da volta do Estado e da comunidade, que atualmente é incapaz de exercer o seu poder devido ao capitalismo.

No capítulo cinco *O futuro pode começar hoje*, o autor discute a necessidade de adaptação as novas formas de viver, a fim de evitar futuras pandemias. A ênfase dada pelo autor é refletir sobre as alternativas que podem ser encontradas na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sem discriminação; alternativas que possibilite o respeito a natureza e com os seres vivos.

Para concluir, realizar a leitura da presente obra põe em evidência a necessidade de um olhar humanizado para essa pandemia, que vai além do desenvolvimento econômico, um tema que tem sido mais importante que a preservação das vidas; sendo que as vidas mais afetada são as mais vulneráveis financeiramente e socialmente, negros, moradores de rua, trabalhadores informais, mulheres, deficientes, idosos, indígenas, imigrantes, refugiados, etc. Por fim, o autor propõe uma reflexão urgente na realidade brasileira, e o quanto é importante repensar no momento vivido e nas mudanças sociais impostas pela pandemia. Para compreender os tempos atuais é necessário visualizar uma série de problemas sociais causados pelo capitalismo, no qual Santos enfatiza a necessidade de pensar no futuro da humanidade no pós-pandemia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Ed. Almedina. Portugal, 2020.

Informações da autora da resenha

Eliane Pereira Domingues da Silva. Doutora e Mestre pelo Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente é docente do curso de Pedagogia e participa do Núcleo Estruturante Docente - NDE da Faculdade EBRAMEC, formadora - gestores - ensino à distância - Elos Educacional, docente - FAAC - Faculdade Academus e docente - FABRANGE - Faculdade Abrange ABC.

Filiação Institucional E-mail: Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP. eliane.dsilva@ucb.org.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6121-6388>.

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1915683322587598>.